



As Revistas de Emoção no Brasil (1934-1949)¹ O último lance da invasão cultural americana.

Athos Eichler Cardoso²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Esta pesquisa recupera e analisa as revistas brasileiras que publicavam num só exemplar contos policiais, aventuras e amor, de 1934 até 1949, conhecidas na América como *pulps* e tratadas aqui como revistas de emoção. Comercializadas em 1909 na forma de suplementos, foram gradativamente conquistando espaço nas publicações nacionais. A partir da década de 30, adquiriram as características definitivas do gênero e *status* junto ao público. Oriundas de matrizes americanas as revistas *Detetive*, *Contos Magazine* e *X-9*, entre outras, foram grandes sucessos editoriais. Popularizaram de maneira maciça os contos ilustrados de aventura e policiais, traduzidos do inglês, atraindo milhares de leitores e contribuíram, junto com as histórias em quadrinhos, para consolidar a invasão cultural americana iniciada no Brasil com a música e o cinema.

PALAVRAS-CHAVE: revista de emoção; *pulp*; história editorial; detetive; X-9.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa empírica e histórico-documental é comprovar a existência das *revistas de emoção* no Brasil. Tem por objetivo resgatar as origens, títulos, desenvolvimento, editoras e o expressivo mercado dessas revistas de literatura popular cujo conteúdo é na quase totalidade tradução americana. Apóia-se na análise de fontes primárias existentes no acervo do pesquisador e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Na falta de originais, como é o caso da revista *Contos*, baseou-se em informações publicitárias da mesma. O *corpus* abrange as revistas que, do modesto *Romance Mensal* (1934) durante quinze anos, chegaram à versão brasileira mais sofisticada de *Contos Magazine de Ellery Queen* (1949).

Revistas de emoção são as publicações brasileiras especializadas em contos de aventura, mistério e amor com as respectivas ilustrações, traduzidos das congêneres, publicadas na América onde são tratadas, até hoje, como *pulps*.

Pulps, na gíria literária americana, denomina as revistas que utilizaram o papel mais barato existente no mercado – feito com polpa de madeira – para imprimir de maneira simples contos e novelas ilustradas de apelo popular que, com capas

¹ Trabalho apresentado no NP-Produção Editorial do IX Encontro de Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, e-mail: athosec@bol.com.br.



chamativas e preços convidativos, criaram impérios editoriais milionários. *Pulp fiction*, por extensão, é a literatura de ficção mais fantasiosa do que as realistas de cunho psicológico, destinada ao leitor mais intelectualizado.

.No Brasil, a palavra *emoção* tornou-se emblemática porque era repetida à exaustão na publicidade do conteúdo literário dessas revistas e por isso escolheu-se para adjetivá-las.

A emoção, na forma de curiosidade, alegria, ternura, medo, raiva, excitação, prazer e outros sentimentos fortes, só podia fluir de uma história muito excitante. Era preciso envolver o espírito do leitor na narrativa de aventura e ação que enfatizasse o herói. Na trama de crime e mistério, onde haveria um investigador para desvendá-lo, ou no relacionamento humano em que a presença feminina eclodiria a paixão e o romance. A mistura desses ingredientes ficcionais, ou parte deles, era comum para colher todo o tipo de leitor numa rede de emoções. Manipulada para aparecer logo no início da leitura, a emoção deveria fisgar o leitor e mantê-lo preso até a última página.

As *revistas de emoção* foram publicadas numa época em que as notícias eram fornecidas por rádios e jornais e as paisagens mundiais iam aos poucos sendo visualizadas por descrições de livros de viagens, fotografias ou filmes. Elas coexistiram nos Estados Unidos com duas guerras mundiais e no Brasil, sem dúvida, com a segunda delas.

Além do cenário urbano onde os detetives e os policiais lutavam contra o crime, seguidamente organizado, e chefiado por políticos, *gangsters*, contrabandistas e líderes de sociedades secretas, os contos de emoção apropriaram-se dos cenários exóticos para apresentar suas histórias.

Os desertos da Argélia, as savanas africanas, as selvas tropicais, as regiões cobertas de neve do Canadá, o vasto Oceano Pacífico das ilhas isoladas, todos serviam de palco para os dramas que envolviam legionários atacados por beduínos. Caçadores brancos enfrentando motim em safári. Exploradores alvejados por dardos de curare. Polícias montadas, emboscadas por malfeitores barbudos. Marujos enfrentando tufões.

As grandes guerras ou os conflitos coloniais presentes ou passados. Os choques menores entre grupos humanos, devidos à ganância na exploração de recursos econômicos ou individuais, motivados por rixas, vinganças, ambições pessoais, disputas amorosas e até competições esportivas. Tudo servia para o enredo dos contos de emoção.



Na maioria das vezes a luta era da lei contra o crime, do bem contra o mal, porém não estavam excluídas aquelas contra feras e a natureza. Havia até uma revista especializada em contos sobre os bombeiros na luta heróica contra o fogo. (*Fire Fighters*).

Os cenários e as tramas ultrapassavam os limites do tempo e do espaço. As histórias sucediam-se no passado, no presente ou no futuro da humanidade. Aconteciam em outros planetas e galáxias. Hugo Gernsback funda *Amazing Stories*, em 1916, ponto de partida da ficção-científica moderna que se destaca do romance de aventura. As revistas americanas especializaram-se em cada um desses cenários e tramas. Os títulos indicavam geralmente estas opções: *Danger Trail* – histórias de aventuras nas fronteiras do mundo; *Western and sport stories* – faroeste e esportes; *Under fire – war and wing stories*, *Eagles of the air* – combates aéreos na Primeira Guerra Mundial; *Thrills of the jungle* – emoções da selva; *Dime Detective* – histórias policiais; *Weird Tales*, *Wonder Stories* – ficção científica.

Outras revistas davam ênfase ou tratavam de um só personagem, heróis que adquiriram fama como o vigoroso cientista *Doc Savage*, o misterioso *The Shadow* (O Sombra), o caubói mascarado *Lone Ranger* (Zorro) e o *Black Bat* (Morcego Negro), detetive que enxergava no escuro, apresentado nas primeiras páginas do *Black Book Detective*.

No vai-e-vem das edições, várias desapareceram. Outras tantas duraram por muito tempo, como as famosas *Black Mask*, *Adventure*, *All Story*, *Amazing Stories*, *Blue Book* e *Argosy*. De alguma maneira, as revistas de emoção americanas ditaram regras e foram fenômenos editoriais entre 1910 e 1940. Estavam ancoradas no talento dos maiores escritores populares do século que virtualmente inventaram os modernos gêneros da ficção científica e dos detetives durões. Criaram mitos que se perpetuaram como *Tarzan*, o homem macaco; *Zorro* (*Don Diego*), o espadachim mascarado da Califórnia espanhola e *Conan*, o guerreiro truculento dos impérios perdidos.

Consolidaram a ficção científica com E. R. Burroughs, Lester Dent, Murray Leister, A. Merriest e E. E. Smith. Aperfeiçoaram e modernizaram a temática da literatura gótica, de fantasia e de horror, com aventuras de ação enlaçadas com feiticeiras, vampiros, múmias, zumbis e magia negra. Influenciaram os seriados das *matinés* de antigamente e as atuais séries de filmes de aventuras ou ficção-científica: *Indiana Jones*, *Jornada nas Estrelas*, *Guerra nas Estrelas* e *Exterminador do Futuro*. As revistas de emoção eram ilustradas, colocando o leitor no clima da narrativa e, como



havia dezenas delas nas bancas, tornava-se necessário enfrentar a concorrência. A solução para atrair o leitor era a ilustração da capa, que merecia especial cuidado para destacá-la das demais. Muitas são consideradas, hoje em dia, obras de arte e foram pintadas por Walter M. Baumhofer, Herbert Morton Stoops, Joseph Clement Coll e outros artistas famosos. Algumas revistas de emoção, conhecidas por “*apimentadas*”, apelavam para capas eróticas, em que lindas mulheres apareciam seminuas em altares de sacrifício de cultos diabólicos ou em leitos de laboratórios, literalmente nas garras de fanáticos ou cientistas loucos, submetidas a tratamentos sádicos ou experiências.

Peças de vestuário tornaram-se ícones desse período tão efervescente e criativo da literatura de evasão. Apareciam à exaustão, nas capas e ilustrações internas: o capacete de cortiça dos exploradores; o *quepi blanc* dos legionários; o chapéu de aba larga e dura dos polícias do Canadá; o capote impermeável com a gola levantada dos *detectives*; o capuz de couro com óculos dos pilotos dos bi-planos da I Guerra Mundial e o cinturão com dois revólveres e a estrela do xerife.

Históricos

Os historiadores da cultura popular nos Estados Unidos sabem de cor a origem das revistas de emoção em seu país. Em 1886, o editor Frank Munsey, acreditando que a história era mais importante que o papel em que era impressa, transformou a revista infantil *Galeão Dourado* (*Golden Argozy*), criada em 1882 com apenas 8 páginas, em *O Galeão* (*The Argosy*), com 120 páginas de papel grosseiro mal aparadas, medindo aproximadamente 17.5 x 25 cm, totalmente de contos de ficção, dirigida aos jovens e adultos. Com isso conseguiu preço de tarifa postal de segunda classe, economizando na remessa para cidades distantes. *The Argosy*, a mais bem sucedida das primeiras revistas de emoção, vendeu meio milhão de exemplares por número em 1910. Assim surgiu o primeiro *pulp* que durou até inícios da década de 50.

No Brasil, a história dessas revistas é relatada com mais dificuldade porque não foi repentina como o surgimento da *The Argosy*. Aconteceu que as primeiras revistas brasileiras de fatos diversos, sofisticadas, de papel couchê desde o início de sua publicação, como *Leitura Para Todos* (1905), *A Ilustração Brasileira* (1910) e *Eu Sei Tudo* (1917) apresentaram contos populares de emoção. *A Ilustração*, por exemplo, publicou um suplemento com *Arsene Lupin*. *Eu Sei Tudo*, novelas famosas de aventuras em série como *Benita*, de H. Rider Haggard e *O Mundo Perdido*, de H. G. Wells. Já na década seguinte, as revistas *Número...* (1923), *Primeira* (1927), *Romance Semanal*



(1930), *Suplemento Policial* (1934 – 15 de março) e *A Cigarra Magazine* (1934 – 1º de abril), apesar de influenciadas pelas revistas de emoção americanas, não conseguiram reunir as características fundamentais dos *pulps*, estabelecidas como critério para essa pesquisa: cerca de 80 páginas, contos do gênero, papel barato e baixo custo.

No processo de surgimento das revistas de emoção é importante a presença de Monteiro Lobato, editando pela *Companhia Editora Nacional*, a partir de 1933, uma série de coleções: a nova *Biblioteca das Moças*, *Terramarear*, *Para Todos* e a *Série Negra*. Apresentavam romances de amor, aventuras e policiais clássicos.

A *Livraria do Globo*, de Porto Alegre, fez o mesmo, publicando os romances de aventuras de Karl May na *Coleção Universo* e romances policiais na *Coleção Amarela*. A demanda dos leitores por essa literatura influenciou para que editores de pequenas tipografias – e, posteriormente, grandes organizações jornalísticas – aderissem a esses filões ficcionais, publicando-os nas revistas de emoção, oferecendo assim uma opção mais barata e acessível à massa dos leitores brasileiros.

A primeira revista de emoção nos moldes americanos foi *O Romance Mensal*. Em 1934, quinze delas identificadas invadiram o mercado brasileiro até a chegada do *Mistério Magazine de Ellery Queen*, em 1949. Outras revistas surgiram a partir dessa data, sobrevivendo pouco tempo devido à concorrência entre os editores num mercado que se prenunciava em extinção com o surgimento dos livros de bolso e das séries de TV. Somente as revistas mais tradicionais como *X-9* e a moderna *Mistério Magazine* alcançaram a década de 70.

Apresentação gráfica e periodicidade

A apresentação gráfica das revistas de emoção brasileiras pouco diferia do modelo americano de 17,5 x 25 cm. Evidentemente, a qualidade do papel, impressão e acabamento foram melhorando com o tempo e as revistas sofreram pequenas modificações de 1936 a 1949, principalmente na quantidade de páginas, que se estabilizaria numa média de oitenta.

As dimensões variaram num máximo de dois centímetros e meio, exceções feitas às de formato bolso: *Contos Magazine*, *Meia-Noite* e *Mistério Magazine de Ellery Queen*, que mediam, respectivamente, 13 x 18 cm, 13 x 17 cm e 14 x 19,5 cm. Compensavam o formato menor com maior número de páginas.

As páginas e os preços mudavam em função das modificações e em geral o número de páginas tendia a diminuir. Tudo resultado da inflação e do preço do papel



que subiam durante a guerra. Assim, passaram de 800 réis para 1.500 réis, um preço acessível à classe média. Havia, na época, um intenso mercado de revistas de emoção de segunda mão ao alcance dos leitores das classes menos privilegiadas.

Eram publicadas mensal ou quinzenalmente.

As revistas de emoção no Brasil

O *Romance Semanal*, dentro de suas limitações de um conto só, e a *Cigarra Magazine*, extrapolada no luxo da edição e do preço, influenciaram a criação do *Romance Mensal*, que deu início à era da autêntica revista de emoção no Brasil.

***Romance Mensal* – uma revista diferente das outras**

O *Romance Mensal*, nossa primeira revista de emoção, foi publicado em julho de 1934, com capa de cartolina ilustrada em cores de impacto variável. Era dirigida pelo escritor e jornalista Armando Brússulo. Não mencionava a editora que pertencia a Juliano F. Pozzi, responsável pela revista, que era impressa na Gráfica Cruzeiro do Sul, em São Paulo, SP. As 84 páginas, todas em papel de jornal, continham uma novela longa e três contos. Lá estavam os autores famosos da literatura popular policial: Leslie Charteris, o criador do *Santo*; Le Queux e Sidney Horler, com vários livros publicados pela *Coleção Amarela*. Havia poucas ilustrações internas em variados estilos de autores desconhecidos, provavelmente nacionais.

Diferia das similares americanas pelas dimensões de 23,5 cm x 15,5 cm, por não possuir capas multicoloridas nem boas ilustrações, e também pelo preço de R\$ 1.500 réis, que fugia ao custo de compra barato que caracterizava o *pulp*. Esse preço, aliás, nunca conseguiu equiparar-se nas revistas brasileiras ao das revistas americanas do gênero, que eram de 10 centavos do dólar.

Aventura e Mistério

A segunda revista de emoção brasileira foi *Aventura e Mistério*, da *Editorial Fluminense Ltda.*, tendo como diretor J. T. de Alencar Lima, um nome que iria se destacar no ramo. Criada em fevereiro de 1936, com capa multicolorida, apresentava seis contos nas suas 98 páginas, no formato 22 x 15 cm. Preço: R\$ 1.500.

***Detective* – a revista das emoções**

A terceira revista de emoção brasileira, *Detective*, está entre as quatro mais populares editadas no Brasil. Fundada em 1º agosto de 1936 pela *Editorial Novidades Limitada* de São Paulo, tendo como redator responsável Armando de Castro. Serviu de protótipo às



que se seguiram, pois era, em tudo, semelhante ao *pulp* americano, transplantado na forma e no conteúdo para o Brasil. Superava o *Romance Mensal* pela apresentação da capa multicolorida e muito bem adaptada das revistas americanas feitas por Gutiérrez nos dez primeiro números. Essas capas mostravam, em letras bem posicionadas, o gênero dos contos publicados: *aventuras emocionantes, crimes e roubos*. E, em letras verdes em campo amarelo, bem realçado o subtítulo: *a revista das emoções*. No alto, à esquerda, num círculo branco: *10 histórias completas. Detective* marcou o início de uma gama de revistas mais características do que as anteriores que constituíram-se num fenômeno da literatura popular. Com o tempo, apresentaria, em geral, seis novelas, uma reportagem de assunto criminal e um romance em continuação. Apareciam autores consagrados como George Surdez e Conan Doyle. Era muito bem ilustrada. Custava 1.200 réis no Rio, São Paulo e Santos e 1.500 nos outros estados. Depois dos números iniciais, as capas passaram a ser adaptadas toscamente por Fantapié. Tinha 162 páginas e media 15 cm x 22 cm.

Detective teve uma segunda fase, quando em maio de 1941, dirigido por *J. T. de Alencar Lima*, quase sem modificações, passou a pertencer à *Editorial Fluminense*.

Uma terceira fase de *Detective*, desta vez com sensíveis mudanças, começou em junho de 1942, quando passou a ser propriedade de *O Cruzeiro S.A* dos *Diários Associados* e teve como diretor de redação *Frederico Chateaubriand*, inicialmente. Apresentava capas com fotos em vez de ilustrações e denominava-se, além de *uma revista dos diários associados, uma revista para homens*. Em agosto de 1944, o diretor de redação passou a ser *Nelson Rodrigues* e o secretário, Antonio Rangel Bandeira. Foi nessa fase que Patrícia Galvão, a *Pagú*, escreveu 12 contos policiais com o pseudônimo de *King Shelter*. Em 1944, a revista *Detetive* publicou em quadrinhos histórias completas do *Capitão América* nas últimas páginas.

Contos – histórias e novelas

Adolfo Aizen editou *Contos* a partir de 15 de agosto de 1936. Foi a quarta revista de emoção brasileira e dela editou-se somente seis números, por isso tornou-se extremamente rara. Formato tablóide do tamanho de outra publicação infantil também de Aizen, *O Mirim*, toda em papel jornal, com capas coloridas. Tinha 88 páginas e era vendida por 800 réis. Os nomes de alguns contos que publicou atestam a condição inequívoca de revista de emoção. O nº 2, por exemplo, apresentava *Novas proezas do Capitão Blood*, de Rafael Sabatini e o nº 3, *O Tesouro dos Tuaregs*. A publicidade não



deixava dúvida quanto ao gênero, pois afirmava que a revista ainda tinha: aventuras, mistério, emoção, amor, heroísmo, fantasia, bom humor. *Contos*, posteriormente, mudou de nome e tamanho para *Contos Magazine*.

A Novela – Revista Mensal de Literatura

A presença do escritor Érico Veríssimo como editor da *Livraria do Globo* de Porto Alegre deu margem à criação de uma das mais sofisticadas revistas de emoção do Brasil, *A Novela – Revista Mensal de Literatura*.

Publicada a partir de outubro de 1936, *A Novela* teve importantes características, destacando-se a de ser criada e dirigida por um intelectual do nível de Érico Veríssimo, que desejava “por nas mãos do público, a um preço popular e sob a melhor forma gráfica, belos romances, contos e novelas da literatura universal”.

Outra característica foi deixar as capas a cargo de três dos maiores desenhistas brasileiros, sediados no Rio Grande do Sul: Nelson Boeira Faedrich, João Faharion e Edgar Koetz. No estilo impressionista, suas capas eram verdadeiras obras de arte, motivando até hoje o interesse dos colecionadores.

Na verdade, nem todas as novelas publicadas foram ao nível da primeira, *A Lagoa Azul*, de H. de Vere Stacpoole, traduzida por Mário Quintana, já considerado na época “um poeta dos mais finos da moderna literatura brasileira”. Mas esse início promissor mostra o cuidado com a qualidade do material literário ali apresentado.

Sherlock - a mais sensacional das revistas

Criada em 15 de abril de 1937 e batizada com o nome do grande detetive inglês, *Sherlock Holmes* enfatizava na capa a questão da *sensação* que a revista prometia tanto no subtítulo quanto mais abaixo, descrevendo seu conteúdo como de *histórias emocionantes completas*. Todas as capas tinham o mesmo estilo, com ilustrações de belas mulheres adaptadas de alguma revista americana, em situação de tensão, ameaçadas ou ameaçadoras.

Lupin - a revista das melhores aventuras

Outra revista de emoção padrão tinha o sobrenome do famoso ladrão de casaca francês, *Arsene Lupin*, criado por Maurice Le Blanc. Logo abaixo do título estavam, em letras brancas numa tarja negra, as palavras: *Ficção – Sagacidade – Imaginação*. Surgiu em julho de 1937, pela *Editores Fluminenses*, tendo como responsável J. T. Alencar Lima, o mesmo que criara a segunda revista de emoção brasileira – *Aventura e Mistério* – em 1934 e estivera à frente de *Detective* na sua segunda fase. Os autores dos contos de



Lupin eram heterogêneos. Apresentavam-se, lado a lado, mestres populares consagrados em gêneros diferentes: Maurice Leblanc, Conan Doyle, Edgar Allan Poe e clássicos como Rabindranath Tagore, Julio Dantas, Eça de Queiroz, Luigi Pirandello e Guy de Maupassant. Suas capas variavam bastante na qualidade das ilustrações, copiadas das congêneres americanas, chegando, em certa fase, a publicar retratos de artistas do cinema americano e europeu.

Contos Magazine

Embora conste no seu expediente como iniciada em 15 de agosto de 1936, *Contos Magazine*, revista quinzenal, surgida em 1º de setembro de 1937, era muito diferente da antiga *Contos*, a quem absorvera. Transformara-se numa revista de formato de bolso, 13 x 18 cm, e reduzida no tamanho apresentava uma qualidade invejável na apresentação e no conteúdo. A capa colorida, de papel acetinado, era muito bem ilustrada e impressa. Copiava em boa parte, além da capa, os contos da revista americana *Adventure*. Apresentavam-se nela os grandes mestres da aventura e do mistério: George Surdez, William Makin, Hugh B. Cane, Fulton Grant, Achmed Abdullah, H. Bedford Jones, Max Brand, Sax Rohmer, Donal Barr Chidney e Johnston McCuley. Pertencia ao Grande Consórcio dos Suplementos Nacionais (GCSN), tendo como diretor Adolfo Aizen, gerente, Denizar Villela e secretário, L.A. Nogueira Porto. Octavio Lima e Guiaroni também colaboravam com a administração da revista.

Contos Magazine, que nos números finais apresentou capas desenhadas por Sávio e Antonio Euzébio, foi uma das melhores, senão a melhor revista de emoção brasileira.

Mistérios – crimes, histórias e aventuras fantásticas

Outra revista característica, quinzenal, pertencente a Rubey Wanderley, surgiu em 30 de maio de 1938 e apresentava capas adaptadas das americanas, muito bem cuidadas. Foi das poucas brasileiras que reproduziram não só as capas, mas também as novelas de *O Sombra (The Shadow)*, *pulp* da famosa editora americana *Street and Smith*, que apareceu quase simultaneamente em série radiofônica na América e fez muito sucesso na *Rádio Nacional*, na década de 40.

Suplemento Policial em Revista

O *Suplemento Policial*, que Aizen fundou em 1934, durou até julho de 1939 e, em 8 de agosto do mesmo ano, passou ao formato de revista, conservando o mesmo nome inicial com o acréscimo *em revista: Suplemento Policial em Revista*. Manteve a



numeração *ano VI – nova fase*, reiniciando a contagem pelo número um. Dezenas de números adiante, passou a ser somente *Policia em Revista*.

Nessa ocasião era ainda propriedade do *GCSN*, direção geral de Adolfo Aizen, administração de A. Cabral Filho e, como secretário, Renato Biasi. Posteriormente, pertenceu a *A Noite* e prolongou-se além de 1952, dirigido por Renato Biasi.

Proezas - a revista das novelas sensacionais

Em 15 de janeiro de 1940 surgiu a revista *Proezas*, que resistiu até setembro do mesmo ano. Tinha como diretor G. B. de Loureiro Maior e secretário A. R. de Loureiro Maior, pertencia à *Editora Gráfica Orion Ltda* no Rio de Janeiro. Não apresentava novidades.

G-Man - Histórias dos federais em ação

Em janeiro de 1940, publicada por Jusselino Monteiro de Carvalho e Carlos Monteiro, surgiu *G-Man*, uma revista muito bizarra, fruto provavelmente da admiração que os dois responsáveis nutriam pelas revistas de emoção da época.

Mensal, 24 páginas, 17 x 25 cm, 600 réis, apresentava uma “grande novela”, duas emocionantes histórias e uma novela em série. Possuía algumas ilustrações calcadas em papel de seda e ficava claro que o título *G-Man* fora recortado e colado na capa em quatro cores. A redação desse produto, por assim dizer, manufaturado, funcionava na Avenida Floriano Peixoto 72, Penápolis, E. F. Noroeste, São Paulo. O exemplar analisado, número 6, maio de 1940, era, sem dúvida, uma edição tipográfica de fundo de quintal.

X-9 – imprópria para menores até 18 anos

Em 1º de junho de 1941, *Roberto Marinho* despertou para o gênero e, baseado em suas observações do mercado, depois de uma grande campanha publicitária nas suas revistas juvenis de quadrinhos, *Globo Juvenil* e *Gibi*, lançou *X-9*, revista quinzenal que continha na capa, logo abaixo do título, o aviso: *imprópria para menores até 18 anos*.

X-9 era o codinome de *Phil Corrigan*, agente da polícia secreta americana que foi criado e desenhado inicialmente por Alex Raymond, com roteiro escrito pelo famoso novelista policial Dashiell Hammett. A revista *X-9* apresentava nas páginas finais uma história em quadrinhos em continuação, com a personagem título.

Teve tanto sucesso que passou a ser conhecida como o nome genérico das revistas de emoção no Brasil:



“- Me empresta um X-9”, dizia-se na década de 40, não importando se fosse um *Policia*l em Revista, *Detetive* ou *Contos Magazine*.

A revista impunha-se pela qualidade da produção que sempre marcou as empresas de Marinho e por apresentar uma legião de heróis de grande carisma, comprovada a capacidade de atrair público na América como: *Dan Fowler*, agente do *Bureau Federal de Investigações (FBI)*, *O Morcego Negro*, *O Detetive Fantasma* e outros.

O X-9 manteve as mesmas medidas, embora a capa fosse fotografia em vez de ilustração até 1969. Também apareceu em *Edição Extra*, no tamanho 22,5 x 16 cm, 129 páginas, ao preço de Cr.\$150,00, na década de 60.

Meia-Noite

Com *Meia-Noite*, nas bancas em maio de 1948, pode-se dizer que começou o crepúsculo da revista de emoção tradicional, aquela que dava tanto realce ao mistério policial quanto à aventura. Era de formato de bolso (14 cm x 18,5 cm) e tinha 194 páginas. Preço de Cr.\$4,00. Diretor, Roberto Marinho; gerente, Henrique Tavares; secretário, Djalma Sampaio. O nº 1 apresentou 17 contos, alguns ilustrados, e uma novela em continuação. O editorial falava dos motivos para a sua leitura num tempo em que os brasileiros não dispunham da televisão:

...não desejamos apresentar Meia- Noite como uma porta de evasão aos problemas modernos, ela queria ser apenas um breve momento de feriado das preocupações cotidianas, uma espécie de colônia de férias portátil, que se poderá levar comodamente no bolso, para reduzir a alguns minutos a meia hora de espera numa fila, para encurtar as distâncias numa viagem de ônibus ou de trem para transformar num tranqüilo weekend a exausta conclusão de um dia de trabalho.

Norteados por esse propósito, foi que procuramos dar a Meia-Noite o formato cômodo e as características de variedade que a distinguirão, numa seleção escrupulosa de contos, de mistério, de aventuras e de emoção, que trataremos de tornar mais empolgante e farta de número para número.....O resto, que é muito mais importante, dependerá dos leitores, quando, depois de seguir a pista absorvente de um mistério ou acompanhar as peripécias de uma aventura, acharem que realmente conseguimos os nossos objetivos e resolverem cooperar conosco.

Editorial do nº 1

Mistério Magazine – Edição brasileira de Ellery Queen's Mystery Magazine

Mistério Magazine apresentava, num patamar mais sofisticado, contos policiais mais cerebrais, porém menos emocionantes. Dispensava o intermediário desse tipo de publicação no Brasil por ser um clone da revista americana com o mesmo título.



Revista mensal, publicada pela *Revista do Globo S. A* de Henrique Bertaso, em Porto Alegre – RS, a partir de 1º maio de 1949. Formato de bolso, 14 cm x 19,5 cm, 128 páginas, custava Cr\$ 4,00.

Crepúsculo das revistas de emoções

Várias outras revistas de emoção, principalmente policiais e ficção-científica, surgiram e desapareceram depois de 1949: *Suspense (Alfred Hitchcock's Mystery Magazine)*, *Fantomas*, *Polícia Magazine*, *Dinamite Special Police*, *Selecrimes*, *Revista Mensal de Mistério Fantastic*, etc. Mais de uma dezena, geralmente efêmeras, morreram, pela falta de público, diante dos olhos resistentes de *Policia em Revista* e *X-9*, mais tradicionais e duradouras.

As remanescentes sucumbiram, sufocadas pelos livros de bolso que tratavam dos mesmos assuntos e tornaram-se moda com contos de detetives, espãs nuas, guerra e faroeste, muito faroeste...

CONCLUSÃO

A produção das revistas de emoção no Brasil, pela quantidade de títulos, não foi superada por nenhum outro país da América do Sul. Nessas revistas, quinzenais ou mensais, três ou mais delas editadas ao mesmo tempo, envolveram-se as duas maiores empresas jornalísticas da época: os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand e *O Globo* de Roberto Marinho e também a *Livraria do Globo* de Porto Alegre, umas das maiores e mais conceituadas livrarias e editoras brasileiras.

Trabalharam no ramo intelectuais como Erico Veríssimo, Nelson Rodrigues, Menotti Del Picchia, Vasco Lima, Antonio Brússolo, Patrícia Galvão e o batalhador Adolfo Aizen, motor na criação da revista de emoção brasileira, bem como na dos quadrinhos. E insistentes editores do gênero, cuja biografia desconhecemos, como J. T. de Alencar Lima, criador de *Aventura e Mistério*, *Detective* e *Lupin*. Ilustradores talentosos como Nelson Faedrich, Edgar Goetz, João Montini, e Antonio Euzébio, entre outros.

As tiragens das revistas de emoção publicadas por Adolfo Aizen, nos anos 40, foram em torno de 40.000 exemplares.

A realidade do Brasil ainda não industrializado contrastava com a ficção policial e de aventura das revistas de emoção oriundas de outros contextos culturais. Aqui não existia o crime organizado nas cidades onde apenas se registravam assassinatos passionais ou mortes ocasionadas com lutas de facas em botequins. O que havia eram



batedores de carteira, vigaristas, pequenos furtos e roubos. A segurança da classe média era feita por guardas noturnos que por silvo de apitos característicos avisavam que estava tudo calmo na ronda das ruas, espantando os *ladrões de galinha*. Nada de assaltos a bancos, nada de cientistas loucos ou agremiações secretas. A *Shindoremei*, dos imigrantes japoneses, foi uma honrosa exceção. No Rio de Janeiro, as favelas eram redutos de sambistas e malandros.

A Amazônia era uma grande desconhecida, difícil de ser alcançada. As aventuras resumiam-se a tranqüilas caçadas a perdizes e patos selvagens no Rio Grande do Sul e mais emocionantes para quem tivesse experiência e dinheiro, ir atrás de onças em Mato Grosso.

Havia muito escape, mas também muita informação jornalística nessa literatura para os milhares de jovens adolescentes e adultos que com elas se divertiam. Aspectos reais, geográficos físicos, humanos, culturais e econômicos dos lugares onde ocorriam as tramas imaginárias eram absorvidos em maior quantidade e de maneira mais amena que na sala de aula. Os brasileiros ficavam sabendo da luta generalizada dos aliados pela democracia contra os nazistas. Os dramas da espionagem e da resistência nos países ocupados durante a II Guerra Mundial. Com essas leituras, era natural que surgisse uma profunda admiração pela América e seu famoso “*modo de vida*”, já que os heróis das narrativas eram, na sua quase totalidade, brancos, anglo-saxões e protestantes... Uma das conseqüências mais notórias é que o leitor brasileiro, assíduo das histórias de emoção passadas em Nova York ou Chicago, ficava conhecendo essas cidades com muito mais detalhes que o Rio ou São Paulo. Convém lembrar que no auge das revistas aqui analisadas, 1936-1949, os brasileiros estavam ilhados em suas capitais do sul, norte e nordeste. O meio de transporte mais popular eram as ferrovias que uniam o Sul a São Paulo e ao Rio. Os navios costeiros eram o principal meio de transporte do Distrito Federal para o nordeste e norte. As passagens eram caras e o turismo interno, muito reduzido.

As revistas de emoção brasileiras, com sua literatura escapista, estimulante de evasão ou projeção psicológica, fizeram nascer no Brasil um vasto contingente de leitores transclassistas que com elas se divertiram. Também constituíram o último passo da invasão cultural americana no Brasil.

A literatura das revistas de emoção influenciou a pouca e quase sempre medíocre produção brasileira do gênero, muitas vezes encoberta por pseudônimos como foi o caso de *Ronnie Wells* (Jerônimo Monteiro), com o detetive *Dick Peters*. Mas proporcionou,



também, a criação da nossa primeira ficção científica traduzida na França, *A Filha do Inca*, de Menotti de Picchia. As revistas brasileiras custaram a entrar no compasso gráfico e de conteúdo das similares americanas. Mas quando o fizeram, pouco diferenciavam delas, de quem copiavam literalmente, capas e contos. Esses eram pinçados em revistas de diversas temáticas e não se especializaram em nenhuma delas. *Detetive*, *Contos Magazine*, *X-9* misturavam contos de faroeste com guerra, policial e aventuras. *O Sombra* e outros heróis, que tinham revistas com seus nomes na América, apareceram muito pouco.

O surgimento das revistas de emoção no Brasil não foi uma estratégia premeditada do governo americano para estender sua influência cultural ou política de boa vizinhança devido a Segunda Guerra Mundial, mas uma iniciativa dos nossos editores com motivação comercial lucrativa. Essa transposição permitiu que, pelo menos entre 1934 e 1948, eles não pagassem direitos autorais pela edição de contos e ilustrações não autorizadas.

Quanto à crítica da qualidade literária dos contos dessas revistas, deve-se levar em consideração que os grandes magazines americanos, no tamanho, no luxo da edição e na sofisticação do conteúdo e da publicidade, como *The Saturday Evening Post*, *The Ladies' Home Journal*, *Cosmopolitan*, *Harper's Monthly*, *Good Housekeeping*, *Life*, *Harper's Bazaar*, etc, não dispensavam uma boa novela ou conto emocionante, ricamente ilustrado em suas páginas. O mesmo acontecia com algumas revistas brasileiras e *O Cruzeiro*, por exemplo, costumava publicá-las.

REFERÊNCIAS

Aventura e Mistério. Rio de Janeiro: Editorial Fluminense Ltda. 1936. Mensal.

Contos. Rio de Janeiro: GCSN. 1936. Mensal.

Contos Magazine. Rio de Janeiro: GCSN. 1937. Quinzenal. Absorveu Contos.

Detective. Rio de Janeiro: Editorial Fluminense Ltda. 1941. Absorveu Detective.

Detective. Rio de Janeiro: Editorial Novidades Limitada. 1936. Quinzenal.

Detetive. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S.A. Diarios Associados. 1942. Mensal. Absorveu Detective anterior.

G-Man. São Paulo: sem editora. 1940. Mensal.

Lupin. Rio de Janeiro: Editora Fluminense Ltda. 1937. Mensal.



Meia-noite. Rio de Janeiro. O Globo. 1948. Quinzenal.

Mistérios. Rio de Janeiro. Sem editora. 1938. Mensal.

Mistério Magazine. Porto Alegre: Revista do Globo S.A. 1949. Mensal.

Novela. Porto Alegre: Livraria do Globo. 1936. Mensal.

Proezas. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Orion Ltda. 1940. Mensal.

Romance Mensal. São Paulo: Sem editora. 1934. Quinzenal.

Sherlock. Rio de Janeiro. Sem editora. 1937. Mensal.

Suplemento Policial em Revista. Rio de Janeiro: GCSN 1939. Mensal.

X-9. Rio de Janeiro: O Globo. 1941. Quinzenal.

ROBINSON, Frank M. e DAVIDSON, Lawrence. **Pulp Culture.** The art of fiction magazine. Inc Portland, Oregon: Collectors Press, 1998.

HAINING, Peter. **The Classic Era of American Pulp Magazines.** London: Prion Books Limited, 2000.